

A irreversibilidade no texto de Lobivar Matos e Augusto Roa Bastos

La irreversibilidad en el texto de Lobivar Matos y Augusto Roa Bastos

Kássia C. M. Rosa¹

Damaris P. S. Lima²

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma leitura de aproximação entre o poeta corumbaense Lobivar Matos e o escritor paraguaio Augusto Roa Bastos. Serão analisados o conto “La excavación” e o poema “A derrocada” sob o aporte teórico da Literatura Comparada, dos Estudos Culturais e, principalmente, da Crítica Biográfica. Nos dois textos, reconhecemos, por meio das personagens, a vulnerabilidade do homem em meio à irreversibilidade de uma situação fadada à perda, à morte e ao fracasso. Desse modo, visa-se articular um diálogo entre as literaturas, a fim de observar como situações reais são deslocadas para a ficção. Esta leitura relaciona-se ao plano de trabalho intitulado “El rostro oscuro de un país: crítica e denúncia nos contos de Augusto Roa Bastos”, que está vinculado ao projeto de pesquisa “História, memória e exílio na literatura de Augusto Roa Bastos”.

PALAVRAS-CHAVE: Irreversibilidade; Literatura; Testemunho; Latino-americano.

RESUMEN: Este trabajo presenta una lectura de la cercanía entre el poeta corumbaense Lobivar Matos y el escritor paraguayo Augusto Roa Bastos. Se analizarán el cuento "La excavación" y el poema "A derrocada" en el marco teórico de la Literatura Comparada, Estudios Culturales, y especialmente de la crítica biográfica. En ambos textos, reconocemos a través de los personajes la vulnerabilidad humana en una situación irreversible condenada a la pérdida, a la muerte y al fracaso. De este modo, se pretende articular un diálogo entre las literaturas con el fin de observar cómo las situaciones reales se han trasladado a la ficción. Esta lectura está relacionada con el plan de trabajo titulado " El rostro oscuro de un país: crítica y denuncia nos contos de Augusto Roa Bastos", que está vinculado al proyecto de investigación “História, memória e exílio na literatura de Augusto Roa Bastos”.

PALABRAS CLAVE: Irreversibilidad; Literatura; Testimonio; Latinoamericano.

¹ Graduanda em Letras – Português/Espanhol na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil. Bolsista PIBIC. E-mail: kassiacmrosa@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/Assis – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: dpslbrasil@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

[...] cada escritor cria o seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, assim como há de modificar o futuro.

Jorge Luis Borges. **Kafka e seus precursores**, 1951, p. 130.

Em **Kafka e seus precursores**, o renomado escritor argentino, de maneira investigativa, busca em textos aleatórios a idiosincrasia kafkiana, a fim de examinar seus precursores. Borges relata ter encontrado em obras de gênero, tempo e lugares totalmente distintos os traços do romancista eternizado pela metamorfose de Samsa num inseto monstruoso. Ao procurar os precursores de Kafka, o autor descobre que as obras – reforço: escolhidas aleatoriamente –, tão diferentes entre si, carregam apenas uma coisa em comum: o traço literário do romancista investigado. Dessa forma, ele renova a ideia de precursor na literatura, pois Kafka reescreve os textos antecessores – mesmo que, talvez, desconheça tais existências - e dá um novo sentido a todos, ou seja, quem é o precursor dos textos analisados é o próprio Kafka, não o contrário.

Acontece que Borges somente encontra os traços de Kafka nas tais obras porque leu e conhecia muito bem as obras do escritor tcheco. Portanto, ele também nos revela o papel do leitor como “criador”, quer dizer, no ato da leitura, a recepção (re)cria o texto por meio das conexões de sentido que ela mesma atribui ao texto. Ao concluir isso, o escritor labiríntico torna-se então o precursor de Kafka e de todos os autores por ele citados, pois é ele quem estabelece as conexões de sentido de um texto em relação ao outro. Tal passagem serviu de impulso para expor as relações estabelecidas entre os autores Augusto Roa Bastos e Lobivar Matos. Portanto. Assim, este artigo pretende *criar*, através da leitura, algumas relações entre os textos “La excavación” - conto do autor paraguaio publicado em **El trueno entre las hojas** - e “A derrocada”, poesia publicada em **Sarobá**: poemas.

Vale a ressalva de que, por se tratar de uma análise sob o aporte teórico da Crítica Biográfica, além da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais, torna-se necessário resgatar informações biográficas dos autores e, em um breve

momento, minhas também, situando os leitores quando e de que maneira esses grandiosos escritores constituíram o meu *bios*, possibilitando a realização deste artigo. Segundo Lejeune (2014, p. 62) – crítico e teórico da autobiografia como gênero:

[...] num sentido mais amplo, ‘autobiografia’ pode designar também qualquer texto em que o autor *parece* expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele. [...] Quem decidirá qual é a intenção do autor, se ela for secreta? Claro que é o leitor. Esse segundo sentido da palavra reflete, pois, tanto um novo tipo de escrita quanto a emergência de um *novo modo de leitura*.

Para tanto, em dados momentos no texto, será mencionada a localidade dos autores, pois partirei do lócus geopolítico e social de cada um como um recurso, de modo a ampliar para uma temática mais universal. Afinal, a escrita de ambos os autores demonstra uma preocupação com o entorno social e está repleta de peculiaridades locais, paisagens e personagens típicos da região. Porém, não fosse a universalidade de temáticas tão atuais, como o preconceito de cor e a violência, seus textos poderiam nos soar regionais. Assim sendo, mais adiante, na poesia do corumbaense e no conto do paraguaio, vamos reconhecer a vulnerabilidade do homem em situações distintas de irreversibilidade, marcada seja por desastres naturais, seja pela perversidade humana.

2. BREVE RECORTE AUTOBIOGRÁFICO

Caro leitor, haja vista que “[...] a função constante da literatura e do mito [é] propor formas ‘gerais’ que ajudem os leitores a estruturar sua identidade [e mais] que tudo o que produz o vem de mim e [portanto] se parece comigo” (LEJEUNE, 2014, p. 123) venho neste momento situá-lo brevemente como os estimados escritores se tornaram parte do meu *bios*, de modo a impulsionar as relações estabelecidas aqui neste artigo.

Pois bem, muito antes de começar meus estudos de iniciação científica referentes aos contos do autor paraguaio, tive um contato bastante intenso com as poesias do escritor corumbaense Lobivar Matos. Durante três anos, participei de um grupo de teatro a céu aberto chamado Imaginário Maracangalha;

tínhamos um espetáculo baseado na obra do poeta desconhecido – tal como ele próprio se denominou em um de seus poemas. Pesquisamos sobre sua vida, dialogamos sobre a cultura de fronteira, memorizamos poesias, organizamos debates sobre os temas abordados em seus versos, visitamos Corumbá e montamos o espetáculo.

Contemplados com o Prêmio FUNARTE Arte nas Ruas 2013, tivemos a oportunidade de percorrer a fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia sobre as margens do estado de Mato Grosso do Sul, conhecendo e vivenciando a realidade fronteiriça. Em outras oportunidades, visitamos também os estados de São Paulo, Rondônia e Ceará, enfim, atravessamos grandes distâncias, fazendo ecoar, de cidade em cidade, o grito e os dramas cruciantes de nossa gente retratada nos versos do poeta.

Quando iniciei minha pesquisa baseada nos contos do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, já imaginava encontrar muitas coisas em comum, além das paisagens e animais descritos, devido à proximidade dos locais retratados na literatura de ambos. Tal como Lobivar Matos, o autor de **Yo el supremo** também representa em suas obras a história de seu povo, e Mato Grosso do Sul tem uma cultura bastante enraizada na paraguaia. Entre nós, quem não gosta de uma boa prosa numa roda de tereré? Quem nunca comprou uma chipa na cantina pra tapear a fome antes do almoço? E que tal uma sopa paraguaia acompanhada de um cafezinho à tarde? Por falar em tarde, o que dizer do pôr do sol na beira do Rio Paraguai, paisagem que inspirou premiados escritores, também corumbaenses, por exemplo, Manoel de Barros e Augusto César Proença. Ah! E quem já não se perdeu no tempo e nas contas dos infinitos camalotes, deslizando na correnteza daquele rio imenso? Provavelmente, se você for sul-mato-grossense ou paraguaio, vai se identificar com algum desses costumes dos quais me refiro e é deste entre lugar que lhe escrevo.

Kássia Camilla Marques Rosa.

3. UNIDOS PELO SENTIMENTO ÍNTIMO DE COMPROMETIMENTO: UMA LITERATURA DE TESTEMUNHO E ESTÉTICA NATURALISTA

O poeta corumbaense Lobivar Matos nasceu em 11 de janeiro de 1915 na fronteira do antigo Mato Grosso com a Bolívia e o Paraguai, e tal como o seu “vizinho” Roa Bastos, foi jornalista. Contribuiu com a literatura por meio da publicação de duas obras poéticas no estilo verso livre, **Areôtorare**: poemas boróros (1935) e **Sarobá** (1936), obras raras e de difícil acesso, porém, encontradas na íntegra em **Obras reunidas de Lobivar Matos** (2009), organizadas por Susylene Dias de Araujo³. Tais publicações nos revelam claramente uma preocupação do poeta com o entorno social, como ele mesmo declara no manifesto introdutório intitulado “A minha gente” de sua segunda publicação: “Hoje os poetas refletem os anseios as revoltas, as durezas amargas da época e do meio em que vivem” (MATOS, 2009, p. 31).

Já Augusto Roa Bastos nasceu em Assunção no dia 13 de junho de 1917 e viveu parte de sua infância na pequena cidade de Iturbe-PY. Foi iniciado nas letras por sua mãe, ouvindo lendas indígenas contadas em guarani, leituras da Bíblia em castelhano e peças de Shakespeare. O renomado escritor sul-americano trabalhou na enfermaria da Guerra do Chaco (1932-1935) e, em 1947, foi obrigado ao exílio na Argentina, devido à sua postura crítica em relação à política vigente em seu país. Essa situação de exilado estendeu-se por longas décadas, período em que o escritor se consagrou com grandes obras. Em diversas declarações, Roa Bastos manifestava o sentimento de proximidade e empatia para seus concidadãos.

É a partir desses fatos e reflexões que me animo a dirigir a meu povo esta mensagem distante e próxima ao mesmo tempo. Do mesmo modo, minha vida e meu trabalho foram sustentados no tempo e na distância por sua presença e proximidade, por suas verdades profundas, por seus infortúnios e preteridas ações. Ao longo destes quarenta anos de exílio, não me separei um único dia de seu pulso distante, de sua realidade cotidiana, de suas velhas aspirações, de suas novas vicissitudes e esperanças. (BASTOS, 1988, p. 20)

³ Em outra publicação, **A vida e obra de Lobivar Matos**: o modernista (des)conhecido, Susylene Dias de Araújo nos fornece também alguns poemas inéditos de um livro ainda não publicado chamado **Renda de Interrogações**, no qual o autor revela linhas mais “apaixonadas”, digamos assim.

De fato, ao lermos suas narrativas ficcionais, percebemos que a memória do escritor permanece fixa nas lendas e paisagens paraguaias, sobretudo nas experiências vividas em diversas situações do conflito civil em seu país.

Conforme Julio Cortázar – consagrado escritor, também latino-americano - no ensaio *A literatura latino-americana à luz da história contemporânea*, a literatura e a crítica literária não se constituem apenas de seus autores e obras, mas também de uma responsabilidade cultural para com a sociedade e seus respectivos leitores: “[...] o escritor sente que a sua responsabilidade lhe atribui cada vez mais uma função precisa em sua sociedade, seja para apoiar seus valores positivos, seja para atacar tudo aquilo que considera negativo” (CORTÁZAR, 2001, p. 186).

A postura do escritor comprometido é facilmente verificada na escrita dos autores latino-americanos. Roa Bastos e Matos compartilhavam a mesma profissão, e a este *bios* jornalístico deve-se o comprometimento e a responsabilidade em retratar, mesmo que de forma ficcional, narrativas que aproximem os seus leitores da realidade vivenciada naquele tempo e espaço onde o imaginário dos escritores buscava inspiração. Percebe-se, então, a irreversibilidade dos autores em relação às suas escritas, afinal, a enunciação de ambos os empurrava para um mesmo destino: a “literatura de testemunho”. No ponto de vista de Cortázar, a literatura de testemunho implica numa aliança entre a ficção e o questionamento social, possibilitando uma literatura mais fecunda e viva, pois ultrapassa as etiquetas do típico, do pitoresco, da sensação de uma simples viagem turística (CORTÁZAR, 2001, p. 187). Sendo assim, as narrativas de testemunho demonstram uma visível preocupação do escritor para tudo que os circunda e angustia.

Conforme Alberto Moreiras em **A aura do testemunho**, a literatura de testemunho vem emergindo para as posições mais importantes da atual crítica literária e dos estudos culturais latino-americanos. Admite-se uma “[...] reordenação global dos contextos sociais e econômicos do poder/diferença dentro do qual a literatura é produzida e consumida” (MOREIRAS, 2001, p. 255). Conforme o crítico, a literatura de testemunho introduz o leitor em uma zona intermediária entre o literário e a possibilidade do real, desse modo, realidade e ficção não se opõem de maneira radical.

Outro tipo de realismo presente na literatura, conforme os críticos brasileiros Antonio Candido e José Aderaldo Castello, é o naturalismo, uma estética literária que busca explicação na forma de agir dos personagens em fatores externos, atribuídos seja pela ciência biológica ou sociológica. Sob a estética naturalista “[...] os seres aparecem, então como produtos, como consequências de forças preexistentes, que limitam a sua responsabilidade e os tornam, nos casos extremos, verdadeiros joguetes das condições.” (CANDIDO; CASTELLO, 1985, p. 286) Tanto no poema quanto no conto, os personagens são metaforizados como “joguetes das condições”.

Em síntese, o conto “La excavación” narra a luta de um preso ditatorial pela liberdade, a situação é de asfixia e o cenário é um túnel estreito, sem luz e com mau cheiro. A trama se inicia com um desmoronamento de terra. Perucho Rodi, que já havia vivenciado situação parecida durante a Guerra do Chaco, encontrava-se outra vez sob a única condição de levar a escavação de um túnel adiante para escapar da morte. Rodi era estudante de engenharia e tinha sido preso por causa de uma guerra civil, terminada há seis meses, juntamente com oitenta e nove homens em uma única cela. Dos quase cem presos políticos da cela 4, chamada Valle-í, dezessete já haviam falecido por causas distintas:

[...] a nueve se habían llevado distintas enfermedades contraídas antes o después de la prisión; a cuatro, los apremios urgentes de la cámara de torturas; a dos, la rauda ventosa de la tisis galopante. Otros dos se habían suicidado abriéndose las venas, uno con la púa de la hebilla del cinto; el otro, con el plato, cuyo borde afiló en la pared, y que ahora servía de herramienta para la apertura del túnel. ⁴ (BASTOS, 1977, p. 90)

Percebe-se que Roa Bastos nos envolve em uma trama extremamente dramática, repleta de detalhes cruéis, envolvendo abuso de poder, torturas, doenças e suicídios. Há, também, marcas de espaço e tempo que nos aproximam da possibilidade do real, como o número e o nome da cela, a Guerra do Chaco e a instalação de uma ditadura. Durante quatro meses Rodi e seus

⁴ Tradução nossa: “[...] nove foram levados por diferentes doenças contraídas antes ou depois da prisão; quatro, as necessidades urgentes da câmara de tortura; dois, a tuberculose avassaladora. Outros dois cometeram suicídio, abrindo suas veias, um com um pino de fivela de cinto; o outro com o prato cuja borda foi aguçada na parede, o qual agora servia como uma ferramenta para a abertura do túnel”.

companheiros se revezaram cautelosamente para cavar o túnel; calculavam hipoteticamente cinco metros para chegar às terras bolivianas; o túnel os desembocaria para a barranca de um rio. No entanto, um novo desprendimento de terra se produz e prende Rodi até a altura dos rins, e o personagem se vê definitivamente impossibilitado de voltar à cela:

Un nuevo desprendimiento le enterró esta vez las piernas hasta los riñones, Quiso moverse, encoger las extremidades atrapadas, pero no pudo. De golpe tuvo la exacta conciencia de lo que sucedía [...]. No le quedaba más recurso que cavar hacia adelante. Cavar con todas sus fuerzas, sin respiro; cavar con el plato, con las uñas, hasta donde pudiese. Quizás no eran cinco metros los que le faltaban; quizás no eran veinticinco días de zapa los que aún le separaban del boquete salvador en la barranca del río. Quizá eran menos; sólo unos cuantos centímetros, unos minutos más de arañazos profundos.⁵ (BASTOS, 1977, p. 90-91)

Rodi, então, começa a cavar freneticamente, tal como uma máquina escavadora. O personagem se aproxima da morte, e o autor detalha os pormenores horripilantes de sua morte:

Se convirtió en un topo frenético. Sintió cada vez más húmeda la tierra. A medida que le iba faltando el aire, se sentía más animado. Su esperanza crecía con su asfixia. Un poco de barro tibio entre los dedos le hizo prorrumpir un grito casi feliz. Pero estaba tan absorto en su emoción, la desesperante tiniebla del túnel lo envolvía de tal modo, que no podía darse cuenta de que no era la proximidad del río, de que no eran sus filtraciones las que hacían ese lodo tibio, sino su propia sangre brotando debajo de las uñas y en las yemas heridas por la tosca. Ella, la tierra densa e impenetrable, era ahora la que, en el epílogo del duelo mortal comenzado hacía mucho tiempo, lo gastaba a él sin fatiga y lo empezaba a comer aún vivo y caliente.⁶(BASTOS, 1977, p. 91)

⁵ Tradução nossa: “Um novo desmoronamento, lhe enterrou desta vez das pernas até os rins, quis se mexer, encolher membros presos, mas não conseguiu. De repente, teve consciência do que estava acontecendo [...]. Não lhe sobrava mais nenhum recurso, senão continuar cavando adiante. Cavar com toda sua força, sem descanso; cavar com o prato, com as unhas, até onde pudesse. Talvez não eram de cinco metros que faltavam; talvez não eram vinte e cinco dias de escavação os que ainda lhe separavam da saída salvadora na barranca do rio. Talvez eram menos; apenas uns quatro centímetros, poucos minutos de arranhões profundos”.

⁶ Tradução nossa: “Tornou-se uma toupeira frenética. Sentiu a terra mais úmida a cada momento. À medida que lhe faltava o ar, sentia-se mais animado. Sua esperança crescia com sua asfixia. Um pouco de barro morno entre os dedos lhe fez proferir um grito quase feliz. Mas estava tão absorto em sua emoção, a escuridão desesperadora do túnel o envolvia de tal maneira que ele não podia perceber que não era a proximidade do rio, de que não eram seus vazamentos que faziam esse lodo morno, mas o seu próprio sangue brotando debaixo das unhas e das feridas. Ela, a terra densa e impenetrável, era agora a que no epílogo do duelo mortal iniciado há muito tempo, o gastava sem fadiga e começava a comer-lhe ainda vivo e quente”.

Ao ver a terra úmida, o personagem se exalta de felicidade, pensa estar próximo do rio, porém, devido à sua emoção não percebe que era o sangue de suas unhas e feridas encharcando a terra. Nesse momento sua emoção se converte em delírios, e Rodi começa a recordar outra mina subterrânea na Guerra do Chaco. Em sua memória embaralham-se as trocas de insultos, os tiroteios e as lembranças de pessoas queridas, tudo ao som de melodiosas polcas e guarânias. Em sequência, a biografia do personagem se resume apenas nesses dois túneis:

[...] este y aquél eran el mismo túnel; un único agujero recto y negro con un boquete de entrada pero no de salida. Un agujero negro y recto que a pesar de su rectitud le había rodeado desde que nació como un círculo subterráneo, irrevocable y fatal. Un túnel que tenía ahora para él cuarenta años, pero que en realidad era mucho más viejo, realmente inmemorial.⁷ (BASTOS, 1977, p. 93)

Rodi morre asfixiado, engolido pelo círculo subterrâneo e irrevogável. No dia seguinte, a cidade tomou conhecimento a respeito da liquidação de presos, companheiros do personagem, flagrados tentando fugir através do túnel. O personagem morre no anonimato, somente o túnel testemunhara sua morte.

O personagem é metaforizado como um “joguete” das condições políticas vivenciadas no Paraguai que há muito tempo o circundava, desde a Guerra do Chaco – disputa territorial entre o Paraguai e a Bolívia que se estendeu de 1932 a 1935 -, na qual Roa Bastos serviu como enfermeiro. O conto permite, então, que o leitor entre em contato com a possibilidade do real ao fazê-lo constatar a vulnerabilidade do homem diante de condições irreversíveis. É uma situação completamente passível de acontecer se pensarmos sob uma perspectiva factual/histórica, devido às duas guerras mundiais ou mesmo os períodos ditatoriais vividos, não só na América Latina, mas também na Europa, na Ásia e no Continente Africano.

⁷ Tradução nossa: “[...] este e aquele eram o mesmo túnel; um furo liso e escuro com uma abertura de entrada, mas não de saída. Um buraco negro em linha reta que, apesar de sua retidão, o rodeou desde que nasceu como um círculo subterrâneo, irrevogável e fatal. Um túnel que agora tinha quarenta anos, mas na realidade era muito mais velho, realmente imemorial”.

Quanto à poesia de Lobivar Matos, constata-se a vulnerabilidade do homem sob uma situação distinta de irreversibilidade. Vejamos o poema:

Começou a enchente.
As águas barrentas estão subindo... subindo...
Vão beber todos os ranchos dependurados na barranca.
É inútil construir girais.
É inútil evitar a derrocada.
As águas barrentas estão subindo... subindo...
E os usineiros inquietos e preocupados
sentem que vão perder toda a safra.
Assim mesmo ainda não se convenceram
da inutilidade dos recursos
e estão empregando todos os meios
para salvar as suas propriedades.
Estão fazendo barrancos moles de tijuco
e levando barragens superficiais
para o canavial ficar ilhado,
no seco.
Mas as águas barrentas não querem mais ser desviadas.
E, agora, rebentando todos os empecilhos,
escorrendo em todos os braços
correm desordenadamente,
loucamente,
para alcançar o mar, o grande mar,
onde serão felizes ou infelizes.
E estão subindo... subindo... subindo...
É inútil construir girais.
É inútil evitar a derrocada. (MATOS, 2009, p. 110-111)

No poema vive-se o drama de trabalhadores à beira de uma ruína causada pela enchente. Nos dois textos os personagens se encontram em fuga: nesta os usineiros tentam evitar que a enchente acabe com toda safra e constroem barragens para o canavial ficar ilhado. No outro, o estudante de engenharia tenta escapar de uma prisão ditatorial, cavando um túnel com um prato de alumínio em direção ao rio. Em relação à figura do rio representada pelos autores, percebe-se a oposição de vida *versus* morte. “La excavación” mostra o rio como

a salvação. Já na poesia de Matos é a grande “derrocada”, a perda de toda a sua propriedade. Araújo (2014), em análise do mesmo poema, em comparação com o poema “Enchente”, atribui observação semelhante à respeito da representação do Rio Paraguai nas poesias do autor:

Neste quadro, o esforço desmedido dos homens, a construir barragens superficiais e efêmeras, é inútil e a desesperança toma conta da observação do angustiado poeta em relação aos fenômenos naturais descritos. Na mesma direção, o poema “Enchente” personifica o rio Paraguai. E é o rio que cresce aos poucos e que devagar se transforma num monstro horrível e implacável [...]. (ARAÚJO, 2014, p. 159-160)

Mesmo diante da ameaça das “águas barrentas subindo”, os usineiros não se convencem da inutilidade de suas ações para salvar suas propriedades, ao contrário, a ameaça da enchente instiga os personagens a empregar todos os meios possíveis para escapar. Tal como o personagem de Roa Bastos que, igualmente, sente-se motivado a continuar cavando mesmo ferido, imobilizado e asfixiado, devido ao desmoronamento de terra: À medida que le iba faltando el aire, se sentía más animado. Su esperanza crecía con su asfixia” (BASTOS, 1977, p. 191).

Percebemos então, posta nas duas literaturas, a vulnerabilidade do homem diante de situações de irreversibilidade fadadas à perda, à morte e ao fracasso, diante de tentativas renunciadas como inexecutáveis. “É inútil construir giraus. É inútil evitar a derrocada” (MATOS, 1936, p. 84). Roa Bastos também revela a impossibilidade de seu personagem reverter a situação na qual se encontra: “Un agujero recto y negro con un boquete de entrada pero no de salida” (BASTOS, 1977, p. 93). O escritor paraguaio metaforiza a expressão “buraco negro” para se referir ao túnel, como se Perucho Rodi já tivesse sido há muito tempo tragado por esse campo de energia devastador, atribuído às diversas e cruentas guerras vividas no país, um tempo mais antigo que sua própria idade, um tempo realmente imemorial.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde observar, os dois textos tanto de Lobivar Matos como de Augusto Roa Bastos se mostram como denúncias gritantes de experiências extremamente hostis. A irreversibilidade se encontra não somente na situação dos personagens retratados pelos autores, mas também no sentimento de impotência dos mesmos em testemunhar a situação de sua gente e não poder fazer algo para mudar. Já o leitor, ao vivenciar os medos, as dores, as tentativas de fuga dos personagens, partilha com o autor do mesmo sentimento de impotência e vulnerabilidade. Segundo Moreiras (2001, p. 257), “A solidariedade é precisamente o aparato emocional que permite nossa identificação com o outro e uma conversão dupla do outro em nós, e de nós no outro”.

Desse modo, não resta aos escritores outra opção senão o deslocamento do real para o ficcional e, assim, converter suas vozes nas vozes suprimidas da sociedade, daqueles que viviam o exílio interno do anonimato. Roa Bastos se dirigia aos paraguaios exilados como ele, mas em seus silêncios. Lobivar Matos (2009. p. 33) em um de seus poemas declarou: “Trago comigo o grito aterrorizante de um povo oprimido dentro de si mesmo”. Percebe-se que o exílio pode ser ocasionado por situações distintas: seja pela violência, opressão política ou condição social.

Destaca-se, sobretudo, a capacidade dos escritores em retratar o seu tempo com o sentimento íntimo da responsabilidade cultural, sem recorrer a elementos forâneos ou pitorescos, tão pouco perdendo sua estética literária. Portanto, além de valorizar a literatura latino-americana, este artigo insere vozes de escritores ainda desconhecidos por muitos no campo disciplinar dos Estudos Culturais latino-americanos, uma literatura capaz proporcionar diálogo com leitores de toda parte, pois abordam temas perceptíveis a sensibilidade humana.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Susylene Dias de (Org.). **Obras reunidas de Lobivar Matos**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

ARAUJO, Susylene Dias de. **A vida e a obra de Lobivar Matos: O modernista (des)conhecido**. Campo Grande: Life Editora, 2014.

BASTOS, Augusto Roa. La excavación. In: BASTOS, Augusto Roa. **El trueno entre las hojas**. Barcelona: Editorial Bruguera, 1977.

BASTOS, Augusto Roa. Paraguai: transição à dignidade. **Revista América Latina – 500 de conquista**, São Paulo, n. 2, p. 17-31, 1988.

BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In: BORGES, Jorge Luis. **Outras Inquisições**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**: história e antologia. São Paulo: Difusão Editorial, 1985

CORTÁZAR, Julio. **Obra Crítica**, v. 3. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LEJUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovitta Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

MATOS, Lobivar. A Derrocada. In: ARAUJO, Susylene Dias de (Org.). **Obras reunidas de Lobivar Matos**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

MOREIRAS, Alberto. A aura do testemunho. In: MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença**: a política dos estudos culturais latino-americanos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.